



IdeAs

Idées d'Amérique

16 | 2020

**Les marges créatrices : intellectuel.le.s afro-
descendant.e.s et indigènes aux Amériques, XIX-XXe
siècle**

Para além da Universidade: experiências e intelectualidades indígenas no Brasil

Beyond the University: experiences and indigenous intellectualities in Brazil

Más allá de la Universidad: experiencias indígenas e intelectualidades en Brasil

Luiz Henrique Eloy Amado



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ideas/9442>

DOI: 10.4000/ideas.9442

ISSN: 1950-5701

Editora

Institut des Amériques

Refêrencia eletrónica

Luiz Henrique Eloy Amado, « Para além da Universidade: experiências e intelectualidades indígenas no Brasil », *IdeAs* [Online], 16 | 2020, posto online no dia 01 outubro 2020, consultado o 18 outubro 2020.

URL : <http://journals.openedition.org/ideas/9442> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ideas.9442>

Este documento foi criado de forma automática no dia 18 outubro 2020.



IdeAs – Idées d'Amérique est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

Para além da Universidade: experiências e intelectualidades indígenas no Brasil

Beyond the University: experiences and indigenous intellectualities in Brazil

Más allá de la Universidad: experiencias indígenas e intelectualidades en Brasil

Luiz Henrique Eloy Amado

O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos (Bolsista Capes - processo n° 88887.370345/2019-00).

Introdução

- 1 Nos últimos anos, observou-se no Brasil um notório crescimento da presença indígena nas universidades, desde os cursos de graduação a pós-graduação, nomeadamente nas áreas das ciências humanas. As trajetórias individuais passaram a ocupar lugar de destaque nos escritos produzidos por uma geração de indígenas que fizeram o caminho da aldeia para a universidade, e que num primeiro momento imprimiram em seus escritos noções preliminares dos saberes adquiridos na academia voltados para a busca de uma “devolutiva” para as suas comunidades. Outros foram além, e produziram reflexões que ultrapassaram a resolutividade local. Iniciaram um movimento contrastivo entre saberes tradicionais *versus* saberes científicos, questionando, em certa medida, dogmas do modo de fazer ciência no Brasil.
- 2 O presente trabalho tem por objetivo lançar ideias iniciais sobre a análise dos escritos dos intelectuais indígenas no Brasil, apresentando um levantamento preliminar. Busca-se oferecer um panorama geral e inicial da produção indígena no Brasil, reunido neste trabalho sob um guarda-chuva denominado “intelectualidade indígena”, mas tendo claro que a inteligência indígena não está adstrita ao modo de fazer ciência no Brasil. Ao contrário, esses saberes nascem e se irradiam no chão batido da aldeia. Estamos

especialmente interessados nos impactos da produção e experiências destes indígenas intelectuais no movimento indígena brasileiro, ou seja, como tais trajetórias individuais instrumentalizadas em símbolos próprios da academia estão se articulando com saberes indígenas próprios e contribuindo efetivamente para resultados políticos, econômicos, jurídicos e sociais que levem em conta a cosmovisão das comunidades indígenas.

- 3 Por outro lado, abordar este assunto requer necessariamente olhar para o caminho trilhado do ensino superior para indígenas. Sobre a temática da educação superior para indígenas no Brasil muito tem-se produzido. Trabalhos já publicados como de Souza Lima, A., (2007, 2008, 2016, 2018), Souza Lima, A., e Barroso-Hoffmann, M., (2013a), Souza Lima, A., e Barroso-Hoffmann, M., (2007), Souza Lima, A., e Paladino, M., (2012a, 2012b), Vianna, F. (2014), Amado, S., (2016), Eloy Amado, L. e Brostolin, M. (2011), Carneiro da Cunha, M e Cesarino, P., (2016), dentre outros, corroboram argumentos lançados por Guimarães, S. e Villardi, R. (2010, p. 19), segundo os quais a demanda pelo ensino superior dos povos indígenas deve ser vista a partir de três premissas: a) inserção dessa demanda em uma agenda de luta pelos direitos indígenas; b) pluralidade de visões e de perspectivas que marcam o debate sobre a implantação de ações afirmativas para comunidades indígenas nas universidades públicas; c) necessidade de participação das comunidades a serem atendidas na formulação das políticas de inclusão. Dados levantados em 1998/1999 pelos antropólogos brasileiros João Pacheco de Oliveira e Antonio Carlos de Souza Lima, e que levaram à realização do seminário “*Bases para uma nova Política Indigenista*”, apontam “que uma das maiores preocupações de diversos segmentos governamentais e não-governamentais envolvidos em todos esses processos de constituição de ‘políticas da diferença’, em que a territorialização é um eixo fundamental, era com a necessidade de ‘capacitar’” (Souza Lima, A., 2007, p. 17). De fato, a demanda por instrumentalizar a luta indígena foi uma decisão política das lideranças que canalizaram esforços individuais e coletivos para enviar seus jovens para ocupar os bancos das universidades. É claro, isso passou também pela crescente demanda por um processo de escolarização nas comunidades indígenas. Souza Lima, A., (2007, p. 15), com base nos dados do Censo Escolar de 2005, demonstrou que, no ano de 2004, havia 2.324 escolas em terras indígenas, com “9.100 professores, dos quais 88% são indígenas, frequentadas por uma população de 164 mil alunos indígenas. Dessas escolas, 46,6% são estaduais, 52,5% são municipais e 0,9% são particulares”. E ainda, “dos 164 mil alunos indígenas, 11,3% cursam a educação infantil, 63,8% estão nas séries iniciais do ensino fundamental; 14,8% estão nas quatro séries finais do ensino fundamental; 7,2% estão cursando a educação de jovens e adultos e apenas 2,9 % cursam o ensino médio em terras indígenas”.
- 4 Importante retomar a constatação consignada em Eloy Amado, L. e Brostolin, M. (2011), a partir do apontamento feito por Barroso-Hoffmann, M. (2005), segundo a qual a implementação de ações afirmativas voltadas para os povos indígenas no Brasil se deu a partir de determinações constitucionais que buscavam a garantia do exercício de direitos culturais diferenciados e adoção de políticas públicas com objetivo de criar alternativas econômicas e sociais para a garantia dos projetos políticos coletivos dos povos. Outro fator que merece destaque é o reconhecimento de que apenas a inserção na universidade não é suficiente, é preciso garantir a permanência. Nesse sentido, experiências de igual modo documentadas em Paladino, M. (2006), Paulino, M. (2008), Amaral, W. (2010), Angnes, J. (2010), Pereira, C. (2011), Amado, S. (2016), Urquiza, A. (2017), dentre outros, são oportunas para analisar tais conjunturas históricas e buscar subsídios para se pensar como tais processos foram levados a cabo, envolvendo diversos

atores sociais indígenas e não indígenas (lideranças indígenas, professores indígenas, docentes e técnicos das instituições de ensino superior, ONG indigenistas, etc).

- 5 Outro aspecto fundamental diz respeito à contribuição de Carneiro da Cunha, M e Cesarino, P. (2016), na obra *Políticas Culturais e Povos Indígenas*, que nos ajuda a refletir sobre as políticas culturais que afetam os povos indígenas, como as educacionais, processos de patrimonialização e discussões sobre cultura, em suas várias dimensões, como o uso de objetos e substâncias tradicionais, práticas rituais, pinturas corporais, dentre outros. Além disso, destacam o papel dos “pesquisadores indígenas” ou “indígenas pesquisadores” que trazem reflexões coletivas a respeito de sua comunidade. Os autores, ao abrir a obra, enfatizam a distinção entre políticas culturais para os índios e políticas culturais dos índios, adicionando à análise a importância do fazer ciência no campo da antropologia. Torna-se, assim, clarividente que as políticas dos índios, para os índios e que se valem dos índios se entrelaçam e se conjugam para produzir efeitos que vão além da academia, num movimento de cooperação simétrica, em determinadas situações.

Intelectualidade indígena numa visão preliminar

- 6 Não há dúvida de que existe um campo de reflexão feito por e a partir de indígenas dentro e fora do ambiente acadêmico. Se, por um lado, o processo de escolarização imposto aos povos indígenas resultou em múltiplas violações de cunho imaginável à cultura, língua e à cosmovisão indígena, por outro lado, propiciou a presença indígena em outros espaços –como as universidades– tradicionalmente ocupados pelos brancos. Olhar para as trajetórias de vida e para as práticas intelectuais e políticas dos indígenas constitui um potencial exercício de romper com a colonialidade do poder e do saber. Pensar a intelectualidade indígena nos força a repensar as posições políticas e históricas das instituições de ensino superior tão amoldadas a práticas coloniais, e que, na grande maioria, impõem de cima para baixo procedimentos e “verdades” sobre os saberes locais de povos e comunidades que as circundam. No mesmo giro, reconhecer essa intelectualidade nos leva a refletir criticamente sobre matrizes epistemológicas que guardam sob o manto da cientificidade categorias seletas de um campo de conhecimento que frequentemente encontra-se fechado aos outros saberes periféricos, como indígenas, quilombolas e das periferias das cidades.
- 7 O tema aqui tratado não é de todo novo. Algumas reflexões foram iniciadas tanto por indígenas quanto por indigenistas. Cito de forma expressa o trabalho do indígena Felipe Tuxá (2017), “Indígena Antropólogo e o espetáculo da alteridade”; outro texto de Gersem Baniwa (2015), intitulado “Os indígenas antropólogos: desafios e perspectivas”; o trabalho da pesquisadora Bergamaschi (2014), “Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação”; o texto “Intelectuales Indígenas y Literaturas en México. “El campo literario entre los zapotecas y los mayas”, de Luz Maria Lepe Lira (2017); o texto “Escarização e Intelectuais Indígenas: da formação à emancipação”, de João Francisco Kleba Lisboa (2017), e por fim, o livro organizado por Ana Elisa de Castro Freitas (2015), intitulado *Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil: Povos indígenas e os novos contornos do Programa de Educação Tutorial/Conexões de Saberes*.
- 8 Bergamaschi, M. (2014), a partir de reflexão inicial assentada em diálogos com professores, acadêmicos e lideranças indígenas, crava o termo “intelectuais indígenas”

para se referir aos indígenas que frequentam a universidade e formam-se intelectuais na perspectiva acadêmica, mas também ao intelectual orgânico, no sentido gramsciano, comprometido com seu grupo social, com seu povo, sua comunidade e suas lutas². Como afirmado no início deste texto, aliamos-nos a esta compreensão de que o indígena intelectual não está adstrito aos muros da academia, pelo contrário, esta posição exige-lhe capacidade de transitar entre os mundos indígenas e não indígenas, entre os saberes científicos e tradicionais. Dessa relação decorre a ideia segundo a qual é justamente a educação indígena que o prepara para o manejo de distintos mundos, cada qual com valores e procedimentos epistemológicos próprios.

- 9 Nesse sentido, o campo intelectual indígena previamente constituído busca nos procedimentos da academia espaço para autoafirmação. A língua indígena talvez seja a maior expressão de legitimidade desse campo. Mas além dela, acredita-se que uma visão crítica da história de seu povo, a releitura das etnografias feitas pelos não indígenas, o acesso privilegiado à determinada informação, as trajetórias individuais de cada indígena, dentre outros, são elementos que marcam a constituição do campo intelectual indígena.
- 10 Para visualizar o raciocínio, tomamos como exemplo os indígenas que estão cursando antropologia. Uma ciência que tem como fundamento o trabalho com o outro, mas no caso dos indígenas, eles não estão trabalhando com o outro, mas sim com seu próprio povo, sua própria família. O primeiro ponto de nossa reflexão diz respeito ao método de pesquisa ou de técnicas de campo, no sentido tradicional. Já na década de 1970, Gerald Berreman (1975)³, apoiado inclusive nos escritos de Elenore Bowen (1954)⁴, suscitou que raramente os etnógrafos “explicitaram os métodos a partir dos quais a informação relatada em seus estudos descritivos e analíticos foi colhida”, afirmando inclusive ser possível que se “suspeite terem os etnógrafos se unido numa conspiração de silêncio sobre esses problemas” (p. 123). Nota-se, o trabalho de campo é uma experiência humana que, como tal, está sujeita a implicações de várias ordens e resultados inesperados. A imersão nos relatos de etnografia, através de muitas leituras e posterior retorno à comunidade de origem, possibilita refletir analiticamente sobre o papel da antropologia, mas também sobre o papel do “indígena antropólogo”.
- 11 Quando um indígena chega em sua comunidade para realizar sua pesquisa, as categorias indígenas e científicas resultantes das leituras se entrelaçam em seu raciocínio. Muito provável, se ele não fosse indígena, iria começar seus escritos descrevendo como foi a chegada ao campo, o contato com o grupo pesquisado e a apresentação do etnógrafo. Mas o indígena pesquisador começa por sua trajetória justamente para justificar sua legitimação junto ao grupo. Por isso, insisto, o indígena antropólogo não vai a campo no sentido tradicional, o processo é inverso. Esta “confrontação de si próprio diante do grupo” de que fala Gerald Berreman (1975) é fundamental para se entenderem os processos relacionais que se operam na execução da pesquisa, mas no caso do indígena, o ponto inicial é o resgate de sua trajetória pessoal. Onde nasceu, à qual família pertence, as relações políticas dentro da comunidade, o movimento indígena e quem são os “troncos” do pesquisador.
- 12 Afirmar que o “indígena não vai a campo”, no sentido tradicional, traz implicações sérias para a ciência e realoca a discussão a respeito dos métodos epistemológicos. No mesmo giro, considera-se que o indígena pesquisador faz o caminho inverso, pois ele possui a vivência e os ditos “conceitos nativos” e busca contrastar com a teoria dos pesquisadores não indígenas. Marisa Peirano (1995, p. 16) afirma que “não são grandes

teorias nem abrangentes arcabouços teóricos que a informam, mas, ao contrastar os nossos conceitos com outros conceitos nativos, ela [a antropologia] se propõe formular uma ideia de humanidade construída pelas diferenças”. Se, como apresenta a autora, a antropologia se propõe a formular uma ideia de humanidade construída pela diferença, o fazer antropológico pelo indígena questiona esses caminhos do método etnográfico. Ou seja, após anos de tradição na ciência antropológica, a presença dos “nativos” nos cursos de antropologia tende a romper com séculos de imposição por parte de uma ciência que se dispõe a dialogar com o diferente.

- 13 Levanta-se a seguinte questão: que tipo de antropologia os indígenas antropólogos estão produzindo? Ou melhor, qual será o impacto desses escritos na antropologia? Na visão sacramentada a partir de Malinowski (1978), a etnografia deveria consistir em uma investigação intensiva e de longa duração na qual o etnógrafo teria a necessidade de viver no local em que realiza o trabalho de campo, aprendendo a “língua nativa” e, assim, criando as condições para observar o cotidiano da vida dos “nativos” sem desprezar qualquer um de seus aspectos. O objetivo da etnografia consistiria, a partir dessa perspectiva, em dar conta da totalidade da “vida tribal” por meio da reconstituição da estrutura social, do registro dos “imponderáveis da vida real e do comportamento típico” (Malinowski, B., 1978, p. 31), assim como da apreensão do ponto de vista “nativo”, enquanto expressão dos seus modos de pensar e sentir. Em outras palavras, ingressar na intimidade dos sujeitos pesquisados. Compartilhar da intimidade cultural “nativa” é, então, o efeito da constituição de uma modalidade de relacionamento permanentemente negociada e limitada, cujos desdobramentos modelarão indubitavelmente o conhecimento elaborado por meio da etnografia. No caso do “indígena antropólogo”, eles já conhecem esta intimidade e parece-nos que a sensação é que a todo momento os indígenas precisam fazer o exercício para encaixar a sua cultura em alguma categoria trabalhada por algum antropólogo. O professor João Pacheco de Oliveira (2009, p. 03), em certo momento falou de um certo *mal-estar* na antropologia (*malaise*), pois apresenta um questionamento que seria comum entre alguns antropólogos: “será que os antropólogos não estariam se envolvendo excessivamente com as simples condições práticas de realização de seu estudo intervindo na vida e nas instituições nativas (ao invés de apenas observá-las), posicionando-se em questões que deveriam apenas observar e registrar?”
- 14 Partindo dessa abordagem dos indígenas antropólogos para se pensar inicialmente o papel do indígena pesquisador, parece-nos evidente que o resgate da trajetória individual é a forma de legitimação, pois no caso do indígena, quanto mais engajado e envolvido com seu grupo social, maior será sua fonte de pesquisa e as possibilidades no campo. E ainda, revisitar os registros científicos sobre seu povo e/ou comunidade constitui-se tarefa precípua. O fazer ciência pelo indígena consiste justamente em testar as teorias sobre seu grupo, contrastar suas análises com as demais feitas por não indígenas, percorrer os caminhos metodológicos e levantar novas possibilidades. No campo da antropologia indígena, as reflexões iniciais dos indígenas antropólogos Tônico Benites (2015), Gersem Baniwa (2015) e Felipe Tuxá (2017) são luzes que indicam o caminho para se pensar a ciência antropológica como um instrumento que deve ser agregado pelo modo de ver e entender o mundo a partir das óticas indígenas. Não é somente o indígena que está tirando proveito da antropologia, porém se deve reconhecer a contribuição do indígena antropólogo para a ciência antropológica, especialmente aos próprios antropólogos.

- 15 São considerações iniciais que inauguram o debate centrado no fazer pesquisa através da ótica indígena. Isso posto, é importante apresentar dados preliminares baseados no *Wikilivro* que reúne a bibliografia das publicações indígenas do Brasil⁵. Esta plataforma digital é alimentada a partir das informações contidas na plataforma *Lattes* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que constitui atualmente o padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do Brasil, e é hoje adotada pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do país.
- 16 Os dados iniciais foram sistematizados em tabela que se encontra anexa a este texto. Mas, separando-se por áreas de conhecimento, temos a seguinte situação: agronomia, antropologia, arte, meio ambiente, direito, educação, geografia, história, letras, psicologia, serviço social, saúde e sociedade/cultura.

Elaboração própria

- 17 A primeira observação a se fazer é que os escritos indígenas não podem ser considerados como algo à parte da produção acadêmica, no sentido de marginalizados a um fazer “subcência”. Pelo contrário, tais produções têm-se revelado estudos primorosos que só vieram à tona justamente porque foram conduzidos por indígenas. No mesmo giro, mesmo que tais estudos estejam focados em problemas tidos, a princípio, como locais, os indígenas pesquisadores têm uma profunda capacidade de conectar suas realidades locais com o sistema mundo, dialogando com grandes correntes teóricas, capazes de responder a eventos de proporções mundiais. Daí a capacidade dos indígenas de dialogar com diversos mundos, inclusive, em contexto de alta adversidade. Um discurso corrente entre os indígenas que percorrem a trajetória da pós-graduação está na resistência que seus orientadores (na grande maioria não indígena) têm em relação ao indígena continuar militando no movimento indígena. Para muitos, tais percepções devem estar dissociadas, mas para os indígenas, são caminhos compatíveis, aliás, muito das pesquisas empreendidas só surtiram os efeitos esperados pelo fato de estarem intimamente relacionadas com a prática militante de acompanhamento político de seus povos e/ou comunidades. Isto é mal visto na academia tradicional, mas tem sido rompido pelos indígenas pesquisadores.
- 18 Por exemplo, citamos aqui o trabalho de Ytanaje Coelho Cardoso (2017), intitulado “Os últimos falantes da língua Munduruku do Amazonas: habitus, dialogismo e invenção cultural no campo discursivo”, que documentou os últimos falantes da língua munduruku no Amazonas. Na medida em que o pesquisador analisou o discurso dos anciãos(ãs), ele também demonstrou como tais discursos constituem-se em capital histórico e simbólico no campo político e como este fator é fundamental para a resistência dos munduruku no cenário etnolinguístico. Consultando o trabalho, percebe-se que as técnicas de pesquisa envolveram muito mais do que pesquisa bibliográfica, a base está justamente na observação participante e no relato oral das lideranças indígenas, ficando nítido o acesso privilegiado aos dados da pesquisa que só foi possível pelo fato de o pesquisador ser indígena. Nesse aspecto, fica evidente a contribuição da pesquisa para a história do povo, da literatura brasileira e também como constitui um ganho pessoal e coletivo, tendo em vista que a pesquisa foi conduzida com coerência social, dada a realidade vivenciada pelos munduruku.

- 19 No mesmo sentido, encontra-se o trabalho de Lucia Fernanda Inácio Belfort (2006), intitulado “A proteção dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas em face da convenção sobre diversidade biológica”. A partir da preocupação com a proteção dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, a indígena pesquisadora e jurista elaborou um trabalho que trouxe os marcos jurídicos no âmbito nacional e internacional de proteção a tais conhecimentos. Se por um lado o texto é um marco com referenciais legais e teóricos, ele é ao mesmo tempo marcado pela ênfase que dá à atuação dos povos indígenas como protagonistas sociais no âmbito da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), destacando que é o mais importante tratado internacional sobre meio ambiente, justamente por abranger todos os componentes da biodiversidade e realizar uma abordagem que privilegia a conservação dos recursos naturais, ou seja, sua utilização em moldes sustentáveis. De igual modo, temos o trabalho de Almiros Martins Machado (2009), “De Direito indigenista a Direitos indígenas: desdobramento da arte do enfrentamento”, que abordou o direito Guarani, tratando de seus princípios e o fenômeno da subsunção das questões comunitárias, constituindo-se num excelente tratado sobre direito nativo, como ele mesmo denominou. O pesquisador inicia seu trabalho resgatando sua trajetória pessoal que está alinhada com as vivências das comunidades indígenas de Mato Grosso do Sul, nomeadamente no meio social das comunidades dos *tekohas Jaguapirue Bororó*, localizadas no município de Dourados. A partir do resgate das memórias do ambiente de trabalho nas usinas de cana-de-açúcar, além de discorrer sobre o direito indígena (direito próprio Guarani), aborda de maneira crítica o direito nacional brasileiro, apontando suas dificuldades em lidar com as questões indígenas. Nisso dialoga com os aportes teóricos do pluralismo jurídico, ou seja, a partir de sua trajetória pessoal e vivência na comunidade, o pesquisador elabora uma teoria crítica do direito brasileiro, oferecendo como possível saída o respeito e manuseio do direito próprio das comunidades, nos brindando com um notável tratado sobre o direito e normas próprias de seus povos, com objeto, princípios e formas de interpretação indígena.
- 20 No âmbito da história, chamamos a atenção para o trabalho de Márcia Nunes Maciel (2015), “Tecendo tradições”, um escrito que “questiona os paradigmas usuais transparecidos em análises que sempre percebem o ‘outro’ como ‘objeto de pesquisa’”. O trabalho é denso e se inicia trazendo as vozes das pessoas do seu grupo social, ou seja, elege as vozes individuais para entender a dinâmica dos projetos grupais. Fazendo o exercício de retomada dos saberes antigos e contrapondo-os às etnografias e reflexões historiográficas já disponíveis, a pesquisa elabora o trabalho primário que temos apontado como fundamental na prática dos indígenas pesquisadores: visitar os escritos sobre seu povo e analisar sob a ótica indígena se tais teorias dão suporte à vida social em concreto. Fica nítido no escrito que o intuito maior foi alinhar a reflexão sobre os modos de ser indígena e seus mecanismos de resistência, para que a maneira de viver ligada à natureza se mantenha viva, diante das ameaças dos projetos desenvolvimentistas que ameaçam os povos da Amazônia. Importante considerar o testemunho apresentado pela pesquisadora que afirma que, desde o mestrado, escreve sobre a própria história, por meio da história oral com pessoas de sua família e as demais famílias de sua comunidade de origem, mas reconhece que seu olhar estava muito direcionado pelas teorias acadêmicas. Já, no doutorado, se propôs a vivenciar as experiências nos espaços de tradições e buscando novos conceitos, indo para a roça, para a casa de farinha, para as pescarias das mulheres, ticar o peixe, dançar e lutar junto com os parentes nas aldeias atravessadas por rodovias, bem como participar dos

festejos e ladainhas nos espaços de antigos seringais que resultaram nas localidades, vilas e distritos às margens do rio Madeira. São vivências locais que fundamentam a arquitetura da epistemologia indígena, pois a partir dessas experiências, as construções acadêmicas procuram expressar teorias que explicam e se alimentam da realidade indígena.

- 21 Desses poucos apontamentos lançados acima, acredita-se que exista um sentido político de ser do indígena acadêmico. Os trabalhos são elaborados a partir da demanda indígena, seja ela individual ou coletiva, embora seja difícil marcar até que ponto um escrito indígena é somente individual, tendo em vista que os caminhos metodológicos são carregados de empenhos coletivos. Howard Becker (1977), ao tratar da falsa ideia de que existe um trabalho que não seja contaminado por simpatias pessoais e políticas no texto “De que lado estamos?”, conclui que na grande variedade de áreas e nos trabalhos feitos por diferentes métodos que estão à nossa disposição, não podemos evitar tomar partido, visto que estão solidamente calcados na estrutura social. Ainda sob as lições de Becker, H. (1977), a partir do texto “Problemas na publicação de estudos de campo”, onde se abordam os problemas éticos que frequentemente vêm à tona no momento da publicação de resultados de pesquisas de campo, aponta-se a gritante diferença entre alguém que faz pesquisa numa organização bem definida (fábrica, hospital, escola, etc.) ou numa comunidade ou associação. Nos primeiros casos, geralmente a “alta gerência” terá direito de ler e rever o resultado antes de publicar, enquanto numa comunidade indígena, por exemplo, esse controle dificilmente existirá. Além disso, o autor aborda várias outras condições que afetam a publicação, dentre elas, o comportamento relacionado aos valores sagrados, tradicionais e questões de política interna do grupo. Este possivelmente será um ponto muito debatido pelos pesquisadores indígenas, na medida em que tais agentes têm acesso privilegiado a dados e conhecimentos internos do seu grupo. Nesse aspecto, o texto “A representação do eu na vida cotidiana” de Erving Goffman (1975), nos ajuda a refletir sobre a noção de “definição da situação”, central no pensamento *goffmaniano*, bem como da Escola de Chicago. Trata-se do processo a partir do qual se atribui um sentido ao contexto vivido, sendo significativo para se compreender o modo como as pessoas orientam suas ações na vida cotidiana. No caso dos indígenas pesquisadores, é fundamental pensar qual o papel que ocupam dentro do seu próprio grupo, qual papel desempenham e como as pessoas do seu grupo interpretam as suas ações. Goffman, E. (1975) afirma que somente o sociólogo ou uma pessoa descontente terá dúvida sobre a “realidade” do que é apresentado. Não há dúvida de que a passagem do pesquisador indígena deve ser marcada principalmente pela abordagem a partir da “ótica indígena” e não apenas validar ou repetir o que os pesquisadores não indígenas escreveram sobre seu povo e/ou comunidade.

BIBLIOGRAFIA

- Amado, Simone Eloy, *O ensino superior para os povos indígenas de Mato Grosso do Sul: desafios, superação e profissionalização*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- Amaral, Wagner Roberto do, *As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos*. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- Angnes, Juliane Sachser, *O ensino superior para os povos indígenas: ingresso, permanência, desistência, conclusão dos estudantes indígenas da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro) – Paraná*, Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- Baniwa, Gersem, 2015, *Os indígenas antropólogos: desafios e perspectivas*. Novos Debates: Fórum de Debates em Antropologia. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2(1): 233- 243.
- Barroso-Hoffmann, Maria Macedo, *Direitos culturais diferenciados, ações afirmativas e etnodesenvolvimento: algumas questões em torno do debate sobre ensino superior para os povos indígenas no Brasil*. Comunicação apresentada no Simpósio Antropologia Aplicada y Políticas Públicas do 1º Congresso Latinoamericano de Antropologia – ALA, realizado em Rosário, Argentina, entre 11 e 15 de julho de 2005.
- Becker, Howard, *De que lado estamos?*, in: Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- Becker, Howard, “Problemas na publicação de estudos de campo”, in: *Uma teoria da ação coletiva*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
- Bergamashi, Maria Aparecida, *Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação*, Tellus, ano 14, nº 26, p. 11-29, jan./jul, Campo Grande, 2014.
- Bibliografia das publicações indígenas do Brasil/Sobre, Wikilivros, *Livros abertos por um mundo aberto*, https://pt.wikibooks.org/w/index.php?title=Bibliografia_das_publica%C3%A7%C3%B5es_ind%C3%ADgenas_do_Brasil/Sobre&oldid=457080, acesso em 13/10/2020.
- Carneiro da Cunha, Manuela e Cesarino, Pedro de Niemeyer, (orgs.), 2016, *Políticas culturais e povos indígenas*, São Paulo: Editora Unesp.
- Eloy Amado, Luiz Henrique, e Brostolin, Marta Regina, *Educação Superior Indígena: desafios e perspectivas a partir da experiência dos acadêmicos indígenas da UCDB*, Anais do IV Seminário Povos indígenas e sustentabilidade: saberes tradicionais e formação acadêmica, Campo Grande, 2011.
- Eloy Amado, Luiz Henrique, *Vukápanavo – O despertar do povo Terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político*, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Museu Nacional (UFRJ), Rio de Janeiro, 2019.
- Goffman, Erving, *A representação do eu na vida cotidiana*, Trad., Maria Célia Santos Raposo, 8.ed., Petropolis, RJ: Vozes, 1999.
- Guimarães, Susana, e Villardi, Raquel, *Educação Indígena*, FGV On line, 2010, <http://moodle.fgv.br/>, acesso em 10/05/2011.
- Machado, Almiros Martins, *De Direito Indigenista a Direito Indígena: desdobramento da arte do enfrentamento*, Dissertação de Mestrado, UFPA, 2009.

Pacheco de Oliveira, João, *Pluralizando tradições etnográficas: sobre um certo mal-estar na antropologia*, Cadernos do LEME, Campina Grande, vol. 1, n° 1, p. 2 – 27, jan./jun., 2009.

Pacheco de Oliveira, *Regime tutelar e faccionalismo, Política e Religião em uma reserva Ticuna*, Manaus, UEA Edições, 2015.

Paladino, Mariana, *Estudar e experimentar na cidade: trajetórias sociais, escolarização e experiência urbana entre 'Jovens' indígenas Ticuna, Amazonas*, Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Paulino, Marcos Moreira, *Povos indígenas e ações afirmativas: o caso do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Pereira, Cícero Valdiêr, *Política de acesso e permanência para estudantes indígenas na universidade: avaliação da política de cotas da Universidade Federal do Tocantins (UFT)*, 2011, 184 f, dissertação (Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

Berlfort, Lúcia Fernanda Inácio, *A proteção dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, em face da convenção sobre diversidade biológica*, Dissertação de Mestrado, Brasília, 2006.

Souza Lima, Antonio Carlos de (Org.), *A educação superior de indígenas no Brasil: balanços e perspectivas*, Rio de Janeiro, E-papers, 2016.

Souza Lima, “Educação superior de indígenas no Brasil – sobre cotas e algo mais”, in: Brandão, A. A. (Org.), *Cotas raciais no Brasil: a primeira avaliação*, Rio de Janeiro, DP&A: LPP/UERJ, 2007.

Souza Lima, “Trilhas de conhecimentos: o ensino superior de indígenas no Brasil: uma experiência de fomento a ações afirmativas de Roraima”, in: Mato, D. (Coord.), *Diversidad cultural e interculturalidad en educación superior*, Caracas, IESALC– UNESCO, 2008.

Mato, D., *Ações afirmativas no ensino superior e povos indígenas no Brasil: uma trajetória de trabalho*, Horiz. antropol., Porto Alegre, ano 24, n° 50, p. 377-448, jan./abr. 2018.

Souza Lima, Antonio Carlos de, e Barroso-Hoffmann, Maria Macedo (Org.), *Desafios para uma educação superior para os povos indígenas no Brasil: políticas públicas de ação afirmativa e direitos culturais diferenciados*. Publicação do material referente ao seminário realizado em agosto de 2004, Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ/Laced, 2007.

Souza Lima, Antonio Carlos de, e Barroso-Hoffmann, Maria Macedo (Org.), *Povos indígenas e universidade no Brasil: contextos e perspectivas, 2004-2008*, Rio de Janeiro, E-papers, 2013a.

Souza Lima, Antonio Carlos de, e Paladino, Mariana (Org.), *Caminos hacia la educación superior: los Programas Pathways de la Fundación Ford para Pueblos indígenas em México, Peru Brasil y Chile*, Rio de Janeiro, E-papers, 2012a.

Souza Lima, Antonio Carlos de, e Paladino, Mariana (Org.), “De sendas y caminos. Repensando experiencias de educación superior de indígenas en países de América Latina”, in: Souza Lima, Antonio Carlos de, e Paladino, Mariana (Org.), *Caminos hacia la educación superior: los Programas Pathways de la Fundación Ford para Pueblos indígenas em México, Peru Brasil y Chile*, Rio de Janeiro, E-papers, 2012b.

Tuxá, Felipe, *Indígenas antropólogos e o espetáculo da alteridade*, Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas, vol. 11, p. 93 – 108, Brasília, 2017.

Urquiza, Antonio Hilário de Aguilera et al, “Rede de saberes: o cotidiano de uma experiência de interculturalidade na universidade”, in: Souza Lima, Antonio Carlos de, e Barroso-Hoffmann,

Maria Macedo (Org.), *O Projeto Trilhas de Conhecimentos e o ensino superior de indígenas no Brasil: uma experiência de fomento a ações afirmativas*, Rio de Janeiro, E-papers, 2017.

Vianna, Fernando de Luiz Brito et al. *Indígenas no ensino superior: as experiências do programa Rede de Saberes, em Mato Grosso do Sul*, Rio de Janeiro, E-Papers, 2014.

ANEXOS

Anexo I

Lista de dissertações e teses de indígenas pesquisadores

| Área | Pesquisador | Tipo | Título do trabalho |
|--------------|-------------------------------------|---|--|
| Agronomia | Jefferson Fernandes do Nascimento | Dissertação | Resistência do algodoeiro e variabilidade de <i>Colletotrichum gossypii</i> var. <i>cephalosporioides</i> , Ano de obtenção: 2000. |
| | | Tese | Epidemiologia e dano causado pela ferrugem asiática (<i>Phakopsora pachyrizi</i>) da soja (<i>Glycine max</i>), Ano de obtenção: 2008. |
| Antropologia | Dorvalino São José Velasques Chagas | Dissertação | Cosmologia, mitos e histórias: o mundo dos Pamulin Mahsã Waikhana do Rio Papuri, Ano de Obtenção: 2001. |
| | Simone Eloy Amado | Dissertação | O ensino superior para os povos indígenas de Mato Grosso do Sul: desafios, superação e profissionalização. Ana de obtenção: 2016 |
| | Gersem José dos Santos Luciano | Dissertação | "Projeto é como branco trabalha; as lideranças que se virem para aprender e nos ensinar": experiências dos povos indígenas do Alto Rio Negro, Ano de obtenção: 2006. |
| | | Tese | Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro, Ano de obtenção: 2011. |
| | Ivo Fernandes Fontoura | Dissertação | Formas de Transmissão de Conhecimentos entre os Tariano da Região do Rio Uaupés-Amazonas, Ano de obtenção: 2006. |
| | Dissertação | A escola na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas, Ano de obtenção: 2009. | |

Tonico Benites

| | | | |
|-------------------------------------|--|-------------|--|
| | | Tese | Rojeroky hina ha roiike jevy tekohape (rezando e lutando): o movimento histórico do Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha, Ano de obtenção: 2014. |
| Mutua Mehinaku Kuikuro | | Dissertação | TETSUALÚ: pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu, Ano de obtenção: 2010. |
| Inara do Nascimento Tavares | | Dissertação | Formar gestores indígenas e fazer trajetórias: configurações das políticas indígenas e indigenistas no Médio Solimões, Ano de obtenção: 2012. |
| Rosilene Fonseca Pereira | | Dissertação | Criando Gente no Alto Rio Negro: um olhar Waikhana, Ano de obtenção: 2013. |
| Almires Martins Machado | | Tese | Exá raú mboguatá guassú mohekauka yvy marãe'y: de sonhos ao oguatá guassú em busca da(s) Terra(s) Isenta(s) de Mal, Ano de obtenção: 2015. |
| Nelly Duarte Barbosa Dollis | | Dissertação | NOKÊ MEVI REVÕSHO SHOVIMA AWE - O que é transformado pelas pontas das nossas mãos: o trabalho manual dos Marubo do Rio Curuçá, Ano de obtenção: 2017. |
| Rosani de Fatima Fernandes Kaingang | | Tese | "Na educação continua do mesmo jeito": retomando os fios da história Tembê Tenetehara de Santa Maria do Pará, Ano de obtenção: 2017. |
| Jaime Moura Fernandes | | Dissertação | GAAPI: Elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos, Ano de obtenção: 2018. |
| Alexandre Aniceto de Souza | | Dissertação | WaiWai Yana Komo - rotas de transformações ameríndias: um estudo de caso nas regiões das Guianas, Ano de obtenção: 2018. |
| Sandra Benites | | Dissertação | "Viver na língua Guarani Nhandeva (mulher falando)", Ano de obtenção: 2018. |
| Helena Indiará Ferreira Corezomaé | | Dissertação | Pinturas corporais: revitalização de uma expressão cultural Umutina/Balatiponé, Ano de Obtenção: 2018. |
| Eliane Boroponepá Monzilar | | Doutorado | Aprender o conhecimento a partir da convivência: uma etnografia indígena da educação e da Escola do Povo Balatiponé-Umutina, Ano de obtenção: 2019. |

| | | | |
|---------------|-----------------------------------|-------------|---|
| | Edgar Nunes Corrêa | Dissertação | Etnovisão: o olhar indígena que atravessa a lente, Ano de obtenção: 2019. |
| | Luiz Henrique Eloy Amado | Tese | Vukapanavo - o despertar do povo Terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político, Ano de obtenção: 2019. |
| | Gilberto Pires Kadiwéu | Dissertação | As fronteiras da educação indígena: considerações de um professor Ejiwajegi sobre a escola intercultural, Ano de obtenção: 2019. |
| | Gilson Tiago Terena | Dissertação | Kixovoku Hômo Terenoe: um estudo antropológico sobre o jeito Terena de se pintar, Ano de obtenção: 2019. |
| | Edson Dorneles de Andrade | Tese | The legal imagination of indigenous peoples: the idea of ownership among Amazonian groups. |
| | Felipe Sotto Maior Cruz | Dissertação | Quando a terra sair' Os Índios Tuxá de Rodelas e a barragem de Itaparica: Memórias do desterro, memórias da resistência, Ano de Obtenção: 2017 |
| Artes | Naine Terena de Jesus | Dissertação | Kohixoti-Kipaé, A Dança da Ema: memória, resistência e cotidiano Terena, Ano de obtenção: 2007. |
| | Mirna Patricia Marinho Da Silva | Dissertação | Que memórias me atravessam? Meu percurso de estudante indígena, Ano de obtenção: 2018. |
| Meio Ambiente | Francisco Kennedy Araújo de Souza | Dissertação | Effectiveness of extractive reserves, agro-extractive reserves, and colonist settlements in southwestern Amazonia: an economic and land cover comparison of three land tenure types in Acre, Brazil, Ano de obtenção: 2006. |
| | | Tese | Examining the tradeoffs of conservation-development strategies in Amazonia: a land-use/land-cover, economic, and institutional comparative analysis of institutional arrangement regimes, Ano de obtenção: 2014. |
| | Eliane Boroponepá Monzilar | Dissertação | Trabalho, educação e sustentabilidade dentro do território, Ano de Obtenção: 2013. |
| | Isabel Teresa Cristina Taukane | Dissertação | Na trilha das Pekobaym Guerreiras Kura-Bakairi: de mulheres árvores ao associativismo do Instituto Yukamaniru, Ano de obtenção: 2013. |

| | | | |
|----------|--------------------------------------|-------------|--|
| | Célia Nunes Correa | Dissertação | O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada, Ano de obtenção: 2018. |
| Direito | Lucia Fernanda Inácio Belfort Sales | Dissertação | A proteção dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, em face da convenção sobre diversidade biológica, Ano de obtenção: 2006. |
| | Paulo Celso de Oliveira | Dissertação | Gestão Territorial Indígena, Ano de obtenção: 2006. |
| | Almires Martins Machado | Dissertação | De Direito Indigenista a Direito Indígena: desdobramento da arte do enfrentamento, Ano de obtenção: 2009. |
| | Vilmar Martins Moura Guarany | Dissertação | Direito territorial Guarany e as unidades de conservação, Ano de obtenção: 2009. |
| | Rosani de Fatima Fernandes Kaingang | Dissertação | Educação Escolar Kyikatêjê: novos caminhos para aprender e ensinar, Ano de obtenção: 2010. |
| | Ercivaldo Damsôkekwa Calixto Xerente | Dissertação | Processos de educação akwê e os direitos indígenas a uma educação diferenciada: práticas educativas tradicionais e suas relações com a prática escolar, Ano de obtenção: 2017. |
| | Luiz Henrique Eloy Amado | Tese | O campo social do direito e a teoria do direito indigenista brasileiro |
| Educação | Darlene Yaminalo Taukane | Dissertação | Educação escolar entre os Kura Bakairi, Ano de obtenção: 1996. |
| | Rita Gomes do Nascimento | Dissertação | Educação Escolar Indígena: consensos e dissensos no projeto de formação docente Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé, Ano de obtenção: 2006. |
| | | Tese | Rituais de resistência: experiências pedagógicas tapeba, Ano de obtenção: 2009. |
| | Justino Sarmento Rezende | Dissertação | Escola Indígena Municipal Utâpinopona-Tuyuka e a construção da identidade Tuyuka, Ano de obtenção: 2007. |
| | Geraldo Veloso Ferreira | Dissertação | Educação escolar indígena: as práticas culturais indígenas na ação pedagógica da Escola Estadual Indígena São Miguel Iauaretê (AM), Ano de obtenção: 2007. |
| | Daniel Monteiro Costa | Tese | O caráter educativo do Movimento Indígena Brasileiro (1970-2000), Ano de obtenção: 2010. |

| | | | |
|-----------|------------------------------------|-------------|--|
| | Edson Machado de Brito | Tese | A escola dos índios Karípunas na aldeia do Espírito Santo (Oiapoque) e o ritual do Turé: uma história da resistência indígena, Ano de obtenção: 2012. |
| | Elda Vasques Aquino | Dissertação | Educação escolar indígena e os processos próprios de aprendizagem: espaço de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na Comunidade Indígena de Amambai, Ano de obtenção: 2012. |
| | Fátima Trindade do Amaral Kaingang | Dissertação | O protagonismo Kaingang no espaço da escola indígena, Ano de obtenção: 2013. |
| | Teodora de Souza Guarani | Dissertação | Educação escolar indígena e as políticas públicas no município de Dourados/MS (2001-2010), Ano de obtenção: 2013. |
| | Zaqueu Key Claudino | Dissertação | A formação da pessoa nos pressupostos da tradição: educação indígena Kaingang, Ano de obtenção: 2013. |
| | Bruno Ferreira Kaingang | Dissertação | Educação kaingang: processos próprios de aprendizagem e educação escolar, Ano de obtenção: 2014. |
| | Naine Terena de Jesus | Tese | Audiovisual na escola Terena Lutuma Dias: educação indígena diferenciada e as mídias, Ano de obtenção: 2014. |
| | Severia Maria Idioriê-Xavante | Dissertação | Línguas e educação intercultural na formação de professores A'uwê, Ano de obtenção: 2016. |
| | Maria Inês de Freitas Kaingang | Dissertação | Escola kaingang: concepções cosmo-sócio-políticas e práticas cotidianas, Ano de obtenção: 2017. |
| | Lennon Ferreira Corezomáé | Dissertação | Educação escolar do povo indígena Balatiponé-Umutina: compreendendo processos educativos da escola Julá Paré, Ano de Obtenção: 2017. |
| | Ademario Souza Ribeiro | Dissertação | O ensino das histórias e culturas dos povos indígenas nos anos finais do Ensino Fundamental nas escolas Mbo'ehao e Kijêtxawê de Simões Filho, Estado da Bahia, Ano de Obtenção: 2019. |
| Geografia | Israel Fontes Dutra Tuyuka | Dissertação | Pari-Cachoeira e Trinidad: convivência e construção da autodeterminação indígena na fronteira Brasil-Colômbia, Ano de Obtenção: 2009. |

| | | | |
|-----------------------|----------------------------------|-------------|--|
| | Márcia Vieira da Silva | Dissertação | Reterritorialização e identidade do povo Omágua-Kambebe na aldeia Tururucari-Uka, Ano de obtenção: 2012. |
| História | Edson Machado de Brito | Dissertação | Do sentido aos significados do presídio de Clevelândia do Norte: repressão, resistência e a disputa política no debate da imprensa, Ano de obtenção: 2008. |
| | Wanderley Dias Cardoso | Tese | A história da educação escolar para o Terena: origem e desenvolvimento do ensino médio na Aldeia Limão Verde, Ano de obtenção: 2011. |
| | Aline do Carmo Rochedo | Dissertação | Os filhos da Revolução: A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980, Ano de Obtenção: 2011. |
| | | Tese | Afrodite se quiser: o protagonismo das mulheres no rock brasileiro, Ano de obtenção: 2018. |
| | Marcia Nunes Maciel | Tese | Tecendo tradições indígenas, Ano de obtenção: 2015. |
| Letras, Literatura | Maria das Graças Ferreira Graúna | Dissertação | O imaginário dos povos indígenas na literatura infantil, Ano de obtenção: 1991. |
| | | Tese | Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil, Ano de obtenção: 2003. |
| | Maria das Dores de Oliveira | Dissertação | A variação fonética da vibrante /r/ na fala Pankararu: análise lingüística e sociolingüística, Ano de obtenção: 2001. |
| | | Tese | Ofayé, a língua do Povo do Mel: fonologia e gramática, Ano de obtenção: 2006. |
| | Nanblá Gakran | Dissertação | Aspectos morfossintáticos da língua Laklânõ (Xokleng), Ano de obtenção: 2005. |
| | | Tese | Elementos Fundamentais da Gramática Laklânõ, Ano de obtenção: 2015. |
| | Aisanain Pálту Kamaiwrá | Dissertação | Uma análise linguístico-antropológica de exemplares de dois gêneros discursivos Kamaiurá, Ano de obtenção: 2010. |
| | | Tese | O Kwaryp de Kanutari: uma abordagem linguística e etnográfica, Ano de obtenção: 2015. |
| | Fábia Pereira da Silva | Dissertação | A sílaba em yaathe, Ano de obtenção: 2011. |

| | | | |
|---------------------|--|-------------|---|
| | Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá | Dissertação | Confrontando registros e memórias sobre a língua e a cultura Huni Kui: de Capistrano de Abreu aos dias atuais, Ano de obtenção: 2011. |
| | | Tese | Para uma gramática da língua Hãtxa kuĩ, Ano de obtenção: 2014. |
| | Márcia Nascimento | Dissertação | Tempo, modo, aspecto e evidencialidade em Kaingang, Ano de obtenção: 2013. |
| | Edson Dorneles de Andrade | Dissertação | Entre o som e o silêncio: a literatura ameríndia e o romance Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum, Ano de obtenção: 2014. |
| | Julie Stefane Dorrico Peres | Dissertação | Autoria e performance nas narrativas míticas indígenas amondawa, Ano de obtenção: 2015. |
| | Altaci Corrêa Rubim | Tese | O reordenamento político e cultural do povo kokama : a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru, Ano de obtenção: 2016. |
| | Fábia Pereira da Silva | Tese | A organização prosódica do Yaathe, a língua do povo Fulni-ô, Ano de obtenção: 2016. |
| | Márcia Nascimento | Tese | Evidencialidade em Kaingang: descrição, processamento e aquisição, Ano de obtenção: 2017. |
| | Ytanaje Coelho Cardoso | Dissertação | Os últimos falantes da língua Munduruku do Amazonas: habitus, dialogismo e invenção cultural no campo discursivo, Ano de Obtenção: 2017. |
| Psicologia | Nilza Leite Antonio Terena | Dissertação | Raízes na língua: identidade e rede social de crianças terena da escola bilingue da Aldeia Bananal, Ano de obtenção: 2009. |
| Saúde | Zuleica da Silva Tiago Terena | Dissertação | Sífilis adquirida, sífilis em gestante e sífilis congênita na população indígena do Mato Grosso do Sul: análise comparativa entre as notificações no SINAN e no DSEI-MS, Ano de Obtenção: 2016. |
| Serviço Social | Elizângela Cardoso de Araújo Silva Pankararu | Dissertação | As mulheres e as muralhas do patriarcado e do capitalismo: terceirização e precarização do trabalho no sistema do capital, Ano de Obtenção: 2012. |
| Sociedade, Cultural | Wanderley Dias Cardoso | Dissertação | A aldeia indígena de Limão Verde: escola, comunidade e desenvolvimento local, Ano de obtenção: 2004. |

| | | |
|-----------------------------------|-------------|---|
| Márcia Nunes Maciel | Dissertação | O vivido e o lembrado: memórias e trajetórias de pessoas que viveram em seringais na Amazônia, Ano de obtenção: 2010. |
| Israel Fontes Dutra Tuyuka | Dissertação | Xamanismo Uhtãpinõponã: princípios dos rituais de pajelanças e do ser pajé Tuyuka, Ano de obtenção: 2010. |
| Paulo Baltazar Terena | Dissertação | O processo decisório dos Terena, Ano de obtenção: 2010. |
| Altaci Corrêa Rubim | Dissertação | Identidade dos professores indígenas e processo de territorialização/Manaus-AM, Ano de Obtenção: 2011. |
| Anari Braz Bomfim | Dissertação | Patxohã, "língua de guerreiro": um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó, Ano de obtenção: 2014. |
| Luiz Henrique Eloy Amado | Dissertação | Poké'ixa Utî: o território indígena como direito fundamental para o etnodesenvolvimento local, Ano de obtenção: 2014. |
| Isabel Teresa Cristina Taukane | Tese | Kurâ Iwenu (a nossa pintura): performance e resistência na pintura corporal Kurâ-Bakairi, Ano de obtenção: 2019. |

Elaboração própria a partir de consulta ao *Wikilivro*

NOTAS

1. “O Seminário Bases Para Uma Nova Política Indigenista, realizado em junho de 1999 no Museu Nacional, com o apoio da Fundação Ford e da Faperj, reuniu um amplo espectro de atores envolvidos com a questão indígena para apresentar e discutir novas experiências de ação indigenista e de organização indígena, visando propiciar condições de debate e aprofundamento de políticas relativas aos povos e sociedades indígenas que habitam o território brasileiro”. Para acessar o relatório completo do seminário, consulte: <http://laced3.hospedagemdesites.ws/laced/atividades/seminarios/seminario-bases/>

2. Neste sentido, Bergamaschi, M. (2014, p. 12) leciona que “os movimentos indígenas e os meios acadêmicos têm usado cada vez mais o termo intelectual indígena. Polêmico talvez, pois novamente uma denominação exógena aos povos ameríndios, que expressa uma compreensão ocidental de conhecimento, inclusive hierarquizando quem produz, que tipo, para quem e onde produz esse conhecimento. Também coloca outro problema que reduz a compreensão, como a própria palavra intelectual aponta: relativo ao intelecto, mental, espiritual. Refere-se à pessoa que exerce uma atividade em que a inteligência ou o raciocínio desempenham papel preponderante ou excessivo; cerebral, racional. Não desprezando o papel do intelecto, mas é notadamente sabido que a compreensão de conhecimento dos povos ameríndios é mais ampla, uma concepção de totalidade e que reconhece o corpo, em sua inteireza, como o lugar de aprender e produzir conhecimento”.

3. Do original *Behind many Masks*, Gerald Berreman, *The society of applied anthropology*, Rand Hall, Cornell University, Ithaca, Nova Iorque, 1962.

4. Elenore Smith Bowen, *Return to laughter*, Harper, Nova Iorque, 1954.

5. Este Wikilivro é uma bibliografia colaborativa que reúne e lista as publicações de escritores indígenas do Brasil. A iniciativa tem por objetivo servir como obra de referência e fonte de consulta para pesquisadores e leitores, indígenas e não indígenas, interessados nesse tipo de literatura. Essa bibliografia foi iniciada em janeiro de 2019. O Projeto é coordenado pela bibliotecária e pesquisadora Aline da Silva Franca, pelo escritor Daniel Munduruku e o pelo bibliotecário e pesquisador Thulio Dias Gomes. E conta com apoio da Livraria Maracá - Conectando Saberes e Instituto Uk'a - Casa de Saberes Ancestrais. Para saber mais, acesse: https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publica%C3%A7%C3%B5es_ind%C3%ADgenas_do_Brasil/Sobre. Acesso em 07.jul. 2020

RESUMOS

O presente trabalho tem por objetivo trazer ideias iniciais sobre a análise dos escritos dos intelectuais indígenas no Brasil, apresentando um levantamento preliminar. Pretende-se oferecer um panorama geral prévio da produção indígena no Brasil, compreendida aqui dentro de um guarda-chuva denominado “intelectualidade indígena”, mas tendo claro que a inteligência indígena não está adstrita ao modo de fazer ciência no Brasil, ao contrário, esses saberes nascem e se irradiam do chão batido da aldeia. Estamos especialmente interessados nos impactos da produção e experiências destes indígenas intelectuais no movimento indígena brasileiro, ou seja, como tais trajetórias individuais instrumentalizadas em símbolos próprios da academia se articulam com saberes indígenas próprios, contribuindo efetivamente para resultados políticos, econômicos, jurídicos e sociais que levem em conta a cosmovisão das comunidades indígenas.

This paper aims to bring initial ideas about the analysis of the writings of indigenous intellectuals in Brazil, presenting a preliminary survey. In addition to offering a preliminary overview of indigenous production in Brazil and which in this work we are placing under an umbrella called “indigenous intellectuality”, but having clear that indigenous intelligence is not restricted to the way of doing science in Brazil, but rather on the contrary, this knowledge is born and radiates from the beaten ground of the village. We are especially interested in the impacts of the production and experiences of these indigenous intellectuals on the Brazilian indigenous movement, that is, how such individual trajectories instrumentalized in the academy's own symbols are articulating with their own indigenous knowledge and contributing effectively to the political, economic, legal and social results that take into account the worldview of indigenous communities.

El presente trabajo tiene como objetivo aportar ideas iniciales sobre el análisis de los escritos de intelectuales indígenas en Brasil, presentando una encuesta preliminar. Además de ofrecer una descripción previa de la producción indígena en Brasil, que estamos colocando en este trabajo bajo un paraguas llamado "intelectualidad indígena", pero teniendo claro que la inteligencia indígena no se limita a la forma de hacer ciencia en Brasil, sino más bien por el contrario, este conocimiento nace y se irradia desde el terreno batido del pueblo. Estamos especialmente

interesados en los impactos de la producción y las experiencias de estos intelectuales indígenas en el movimiento indígena brasileño, es decir, cómo tales trayectorias individuales instrumentalizadas en los propios símbolos de la academia se articulan con su propio conocimiento indígena y contribuyen de manera efectiva a los resultados políticos, económicos, legales y sociales que tienen en cuenta la cosmovisión de las comunidades indígenas.

ÍNDICE

Palavras-chave: Intelectualidade indígena, Universidade, Brasil

Palabras claves: Intelectualidad indígena, Universidad, Brasil

Keywords: Indigenous intellectuality, University, Brazil

AUTOR

LUIZ HENRIQUE ELOY AMADO

Advogado indígena Terena, doutor em antropologia social pelo Museu Nacional (UFRJ). Pós-doutorando do *Institut de recherche interdisciplinaire sur les enjeux sociaux* (IRIS), da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, França. E-mail : adv.luizeloy@gmail.com